



ID: 74641447

22-04-2018

## Entrevista

**Francisco Miranda Rodrigues** Bastonário da Ordem dos Psicólogos diz que o alto grau de abandono e insucesso escolar nos Açores dificulta a atribuição de recursos para a prevenção

# “Os psicólogos ainda não são suficientemente valorizados”

EDUARDO RESENDES/AO



**PAULO FAUSTINO**  
pfaustino@acorianooriental.pt

**Os Açores são a região do país com maior incidência de depressão, daí o Programa de Prevenção da Depressão nas ilhas. Este programa que começou recentemente nas ilhas, vai chegar ao resto do país?**

Sim, a depressão é um problema muito grave dos nossos dias, tão grande que fez com que a Organização Mundial de Saúde no ano passado tivesse, a propósito do Dia Mundial da Saúde, eleito esse como o tema e tertido uma campanha para alertar para os impactos da depressão. A depressão, a prazo, acaba por matar, digamos assim, porque as doenças que acabam por surgir associadas às depressões são as mais variáveis e, muitas delas, doenças graves que acabam por ter a pior das consequências. (...) A sociedade vê ainda muitas vezes a depressão como algo associado mais a fraqueza do que propriamente a uma doença. Há um estigma associado e, portanto, este programa que arrancou aqui mas que se es-

tenderá a alguns projetos-piloto no Continente, o que pretende é contribuir com uma metodologia para ser utilizada ao nível dos cuidados de saúde primários, portanto dos centros de saúde, onde mais rapidamente os médicos de família possam fazer uma deteção de sinais de risco ou da existência da perturbação e possam fazer a referenciação muito rapidamente – uma espécie quase de via verde – para os serviços de psicologia ou, em casos mais graves, se já não estivermos a falar de situações detetadas no seu início, para os serviços mais especializados de psiquiatria e saúde mental, onde podem vir a ter outro tipo de acompanhamento. Mas a ideia é apanharmos estas situações ainda muito no início e podermos começar com intervenções que às vezes podem ser muito simples. (...) Este programa o que pretende é rapidamente ajudar as pessoas a terem autonomamente ferramentas, formas de lidarem com os problemas, ajudá-las na resolução desses problemas de modo a que se evite o desenvolvimento de uma situação mais gra-

**“Ainda assistimos em algumas áreas a uma precariedade elevadíssima e esse talvez até seja um problema maior do que o do desemprego”**

ve e, portanto, uma situação depressiva. (...) Esperamos que no espaço de seis meses possamos começar a ter alguns dados sobre qual está a ser o resultado deste projeto-piloto que agora se inicia (...), e nessa altura começar a pensar em tomar decisões sobre a generalização do programa a outras unidades de saúde.

**O que mais o preocupa em relação à classe dos psicólogos nos Açores?**

Os problemas nos Açores, por um lado, derivam das questões da insularidade e, portanto, de uma maior dificuldade no acesso à atualização contínua em termos profissionais, à formação por exemplo. Temos vindo a fazer no último ano um esforço muito grande para colocar à disposição dos psicólogos nos Açores o mesmo que têm os psicólogos no resto do território nacional. (...)

**A falta de emprego também afeta os psicólogos nas ilhas?**

Também existe algum problema ao nível do emprego, embora, apesar de tudo e felizmente, quando comparado com a realidade nacional seja um problema inferior. Diria que o maior problema até tem que ver com a valorização dos próprios atos. Isso não é um problema só dos Açores, é um problema nacional. Ou seja, os psicólogos ainda não são suficientemente valorizados relativamente aos atos que praticam. Ainda assistimos em algumas áreas a uma precariedade elevadíssima e esse talvez até seja um problema maior do que o problema do desemprego. Ou seja, a precariedade, o tipo de vínculos existentes põem em causa a continuidade de intervenções tão importantes para o sucesso e eficácia das mesmas. (...) Esta é uma situação em que seria importante o Estado dar o exemplo, mas é um problema generalizado. É um problema do público e do privado, tanto ao nível dos salários, como dos vínculos.

**A tarefa dos psicólogos na Região é mais complicada por haver aqui mais insucesso e abandono escolar. Acresce que o número de psicólogos existente nas escolas pode não ser suficiente para suprir todas as necessidades...**

É uma tarefa complexa. O número pode e devia beneficiar de algum reforço, particularmente se quisermos apostar num trabalho preventivo. Os Açores têm um rácio melhor do que o Continente em termos de psicólogos nas escolas, no entanto o facto de terem um rácio melhor não significa que tenham um rácio que idealmente permita o trabalho de prevenção. Se os níveis de abandono e insucesso escolar são muito elevados permanentemente, há uma pressão grande para uma resposta imediata do psicólogo numa situação que já existe, está ali e, portanto, - digamos - é atuar na urgência. Se não existir um rácio um pouco melhor, os recursos gastam-se permanentemente nesta resposta imediata que tem de ser dada e não existem recursos para o trabalho preventivo. Os rácios aqui (nos Açores) precisam de ser um pouco melhorados para que se entre nesta etapa do trabalho preventivo. Com números como aqueles que existem nos Açores, diria que essa é uma tarefa essencial e que deve ter uma resposta. Sentimos que há abertura do Governo Regional para ir melhorando estas dimensões. Esperamos que as ações concretas venham a surgir também.

(...) Gostava de salientar que os Açores foram precursores de alguns projetos-piloto relativamente à área do insucesso escolar, com resultados muito interessantes. Talvez merecesse a pena que esses projetos-piloto relacionados com a promoção do sucesso educativo que tiveram resultados tão bons, pudessem ser uma aposta para replicar no arquipélago e, com isso, melhorar os resultados. ♦